

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

Paula Soares da Costa

A ARTE COMO EXPRESSÃO DA CRIANÇA NA ABORDAGEM DE REGGIO
EMILIA DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Sorocaba
2019

Paula Soares da Costa

**A ARTE COMO EXPRESSÃO DA CRIANÇA NA ABORDAGEM DE REGGIO
EMILIA DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi.

Sorocaba
2019

Costa, Paula Soares da

A arte como expressão da criança na abordagem Reggio Emilia de educação da infância / Paula Soares da Costa -- 2019.
59f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Banca Examinadora: Elina Elias de Macedo, Ana Paula Ponce Ribeiro Germanos
Bibliografia

1. Educação Infantil; Arte; Abordagem Reggio Emilia. I. Costa, Paula Soares da. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

PAULA SOARES DA COSTA

A ARTE COMO EXPRESSÃO DA CRIANÇA NA ABORDAGEM
DE REGGIO EMILIA DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciada no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da
Universidade Federal de São Carlos *campus* de Sorocaba.

Sorocaba, 17 de dezembro de 2019.

Orientador(a): Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Prof.^a Dr.^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Examinador(a): Elina Elias de Macedo
Prof.^a Dr.^a Elina Elias de Macedo

Examinador(a): Ana Paula Ponce Ribeiro Germanos
Prof.^a M.^a Ana Paula Ponce Ribeiro Germanos

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para todas as pessoas que ainda carregam em si a delícia de ser criança.

E a todos/as os/as educadores/as que estão sempre atentos a olhar para as crianças com carinho, respeito e amor.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu estar sempre rodeada pelas crianças, seja na família ou em minha profissão. Ele também me dá muita força, luz e me traz novos sonhos quando até mesma eu acreditava que não poderiam existir, Ele me ajuda a realizá-los. Fez e faz maravilhas por mim e eu sou muito grata a Ele.

Agradeço ao amor da minha vida, meu parceiro em todos os momentos e a inspiração para que este trabalho se realizasse, ao Henrique meu filho amado e muito querido.

Agradeço aos meus pais José Rubens e Ana Maria, pela força e por acreditarem em mim, e não desistirem nunca de mim. Mamis este trabalho também é por você.

Agradeço a minha linda e querida orientadora Lucia, que tive a grata surpresa de me conectar ao longo do caminho, nesta fase um pouco turbulenta que é o final de curso, ela me deu a paz que eu tanto procurava, assim como permitiu e acreditou na minha ideia e em meu trabalho uma pessoa iluminada que me inspira a acreditar que existem profissionais maravilhosos, sou muito grata a ela.

Agradeço ao Raphael, meu parceiro que está ao meu lado em todos os momentos, uma pessoa muito especial, ele é meu ponto de equilíbrio e paz nesta turbulência que é estar na reta final de uma graduação, agradeço muito por dar asas aos meus desejos e sonhos e também por pra me trazer de volta ao chão quando me perco voando, estamos juntos.

Agradeço aos meus irmãos queridos Carlos Eduardo e Felipe, que me inspiram muito, eles percorreram longos caminhos e a trajetória deles sempre foi aprendizado a mim.

Agradeço as crianças da minha família, a todas as crianças que tive o privilégio de conhecer. Ah! Se eles soubessem que na realidade foram eles que me ensinaram, com eles que eu aprendo muito.

Não poderia esquecer-me de agradecer aquela amiga parceira que a Universidade me permitiu ter, Luciane, você é mil, e eu sou imensamente grata por dividir estes momentos com você.

Agradeço também a minha turma, Pedago 015, vocês são demais, tenho muito carinho por esta turma que me fez passar amor e raiva algumas vezes, risos a parte, vocês estarão para sempre em minha trajetória, espero que nossos caminhos nos proporcionem reencontros.

Agradeço a escola que me acolheu de braços abertos e em especial para as professoras e mantenedoras assim como os atelieristas da escola, minha gratidão por me permitirem essa experiência.

“Tenho pensamentos que, se pudesse revelá-los e fazê-los viver,
acrescentariam nova luminosidade às estrelas, nova beleza ao
mundo e maior amor ao coração dos homens.”

Fernando Pessoa

COSTA, Paula Soares da. A arte como expressão da criança na abordagem Reggio Emilia de educação da infância. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, S.P., 2019.

RESUMO

Esta pesquisa investigou de que forma as linguagens da arte estão presentes em uma escola de Educação Infantil da cidade de Sorocaba que se propõe a trabalhar com base na abordagem de Reggio Emilia de educação da primeira infância. Buscou-se compreender como se realizam os processos de ensino e aprendizagem através dos espaços e como as artes são trabalhadas junto às crianças. A pesquisa, de natureza qualitativa e de caráter bibliográfico com observação de campo, teve por objetivo identificar potencialidades das artes nas práticas educativas realizadas com inspiração na abordagem de Reggio Emilia de Educação Infantil. Para isso, em um primeiro momento, procurou conhecer de que maneira e em quais contextos surgiram as escolas de Educação Infantil na região de Reggio Emilia na Itália e quais as características e especificidades de sua abordagem, notadamente no que diz respeito ao trabalho pedagógico com as artes. Como resultado, foram identificadas potencialidades desta abordagem para o contexto brasileiro, baseando-se na realidade de uma escola situada em Sorocaba, S.P.

Palavras-Chave: Educação Infantil; Arte; Abordagem Reggio Emilia; Loris Malaguzzi.

COSTA, Paula Soares da. Art as an expression of the child in the Reggio Emilia approach to childhood education. 2019. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba, S.P., 2019.

ABSTRACT

This research investigated how the languages of art are present in a kindergarten in the city of Sorocaba that proposes to work based on Reggio Emilia's approach in early childhood education. We sought to understand how the processes of teaching and learning through spaces are performed and how the arts are worked with children. The research, of a qualitative nature and of bibliographic character with field observation, had the objective of identifying potentialities of the arts in educational practices carried out inspired by Reggio Emilia's approach to Early Childhood Education. To this end, at first, it sought to know how and in what contexts the Early Childhood Schools in the region of Reggio Emilia in Italy arose and what are the characteristics and specificities of its approach, notably with regard to pedagogical work with Arts. As a result, the potential of this approach for the Brazilian context was identified, based on the reality of a school located in Sorocaba, S.P.

Keywords: Early Childhood Education; Art; Reggio Emilia Approach; Loris Malaguzzi.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Mapa da Região Emilia Romagna	20
Figura 2 – Quintal da escola.....	32
Figura 3 – Sala do G4.....	33
Figura 4 – Documentação das crianças na sala de aula do G4.....	33
Figura 5– Documentação das produções das crianças nas paredes e armários.....	34
Figura 6– Documentação das produções das crianças nas paredes e armários	34
Figura 7 – Documentação das produções das crianças nas paredes e armários	34
Figura 8 – Documentação no hall da escola.....	35
Figura 9 – Documentação no hall da escola	36
Figura 10- Documentação no hall da escola.....	36
Figura 11– Atelier da escola,,,,,,,,,,,,,.....	36
Figura 12– Atelier da escola.....	36
Figura 13 – Espaço externo, criança explorando elementos colocados no quintal...	37
Figura 14 – Espaço externo preparado pela professora.....	38
Figura 15– Espaço externo preparado pela professora.....	38
Figura 16 – Espaço interno com bonecas e tecidos.....	38
Figura 17 – Espaço interno com bonecas e tecidos	38
Figura 18– Espaço interno com bonecas e tecidos	38
Figura 19 - Espaço externo, crianças brincando com macarrão.....	39
Figura 20– Espaço externo, crianças brincando com macarrão.....	39
Figura 21 Espaço externo, elementos adicionados no quintal.....	39
Figura 22 – Espaço externo, elementos adicionados no quintal	39
Figura 23– Couve flor e giz de cera.....	40
Figura 24– Massa de modelar e elementos.....	41

Figura 25– Massa de modelar e elementos.....	41
Figura 26 –Desenhos em diferentes perspectivas.....	42
Figura 27 –Desenho com peças de lego.....	43
Figura 28– Desenho com peças de lego	43
Figura 29 – Desenho com peças de lego	43
..	
Figura 30 –Foto Ensaio da autora com fotos de desenhos com giz de cera e vela...44	
Figura 31– Foto Ensaio da autora com fotografia de desenhos.....	45
Figura 32 – Foto Ensaio da autora com fotografia de desenhos.....	46
Figura 33-Foto Ensaio da autora com fotografia de desenhos no papel paraná.....	47
Figura 34 – Desenho no plástico em movimento.....	48
Figura 35 – Caminhando inspirado nas obras de Lygia Clark.....	49
Figura 36 – Estação inspirada nas obras de Lygia Clark.....	50
Figura 37 – A criança nas obras de Lygia Clark, arte contemporânea.....	51
Figura 38 – A criança nas obras de Lygia Clark, arte contemporânea.....	51
Figura 39 – Eu pelos olhos de R*	54

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	CAPÍTULO I. MEMORIAL: OLHANDO COM OS OLHOS DA CRIANÇA	14
3.	CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA: CAMINHANDO	17
4.	CAPÍTULO III. UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ITÁLIA	18
4.1	Reggio Emilia da Itália, luta e resistência.....	20
4.2	Conhecendo Loris Malaguzzi.....	22
4.3	Os encantamentos de sua escola.....	24
4.4	Características da abordagem.....	25
4.5	Caraterísticas de um espaço como arte: o <i>Atelier</i> em criatividade, liberdade e expressão.....	27
5.	CAPÍTULO IV. ANÁLISES DOS DADOS	31
5.1	ANÁLISES DAS PROPOSTAS ARTÍSTICAS DA CRIANÇA NA ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA	40
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
8.	APÊNDICE	57

1. INTRODUÇÃO

Hoje vivemos um tempo em que há uma maior preocupação com as crianças durante a primeira infância. Se antes a Educação Infantil era concebida como assistencialista, hoje em dia se conhece a importância de que as práticas educativas sejam pautadas nas necessidades, desejos e curiosidades das crianças.

Entretanto, o fato de existirem alguns contextos em que o ponto de vista da criança ainda não é considerado com o devido respeito, minha inquietação de pesquisa se voltou à análise de uma abordagem com um currículo e planejamento que visam olhar “para” e “com” a criança e, a partir do que ela manifesta, são elaboradas as propostas, respeitando e aguçando seu senso crítico de escolhas e valores.

Este trabalho teve por objetivo identificar potencialidades das artes nas práticas educativas realizadas com inspiração na abordagem de Reggio Emilia de Educação Infantil. A pesquisa se realizou em uma escola situada em um bairro considerado nobre na cidade de Sorocaba, no Estado de São Paulo. A escola atende em torno de 76 crianças no total, sendo divididas por grupos, assim denominados: Berçário, G1, G2, G3, G4 e G5,

O desenvolvimento da investigação levou à escritura do trabalho com os seguintes trechos: no **CAPÍTULO I. MEMORIAL: OLHANDO COM OS OLHOS DA CRIANÇA** trato das motivações do trabalho, relatando de que forma a abordagem de Reggio Emilia e eu nos encontramos no campo da educação, assim como as inspirações para que o trabalho acontecesse. No **CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA: CAMINHANDO** descrevo sobre o caminho percorrido e os métodos utilizados.

O **CAPÍTULO III. UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ITÁLIA** foca no estudo do surgimento da abordagem de Reggio Emilia no cenário pós-guerra na Itália, busca analisar a trajetória e história da abordagem até chegar aos dias atuais. Para tanto foi preciso compreender as questões de como a religião católica era responsável pela educação no país e se ela reconhecia ou não as especificidades da criança em sua primeira infância, assim como de que maneira o país devastado pela Segunda Guerra Mundial se reergueu e criou a abordagem que mais inspira educadores em todo o mundo. Ainda neste capítulo, buscou-se compreender as características da abordagem assim como o seu funcionamento, os espaços da escola, o que é ateliê e a arte na concepção de educação na primeira infância.

No **CAPÍTULO IV. ANÁLISES DOS DADOS**, tomo como objeto de reflexão e de análise as fotografias de propostas realizadas na escola durante o tempo de observação.

O período de inserção em campo ocorreu durante nove meses, por seis horas diárias – de janeiro de 2019 a outubro de 2019 – acompanhado de experiências vivenciadas por crianças de 4 a 5 anos de idade, em uma turma denominada “G4”. Optei por observar as crianças, mas sobretudo a atuação das professoras.

A coleta de dados realizou-se através das imagens fotografadas por mim das propostas realizadas, assim como pelos registros de documentação pedagógica e da divulgação nas redes sociais feita por duas educadoras dos grupos G4 e G5, em páginas de caráter profissional denominadas “Crianser” e “Linguagens da Infância”, e pelo Instagram da escola. Com isso, constituí um acervo de 500 imagens, as quais foram analisadas a fim de compreender de que forma as linguagens artísticas estavam presentes no cotidiano das crianças.

2. CAPÍTULO I. MEMORIAL: OLHANDO COM OS OLHOS DA CRIANÇA

Início o presente capítulo com o poema que me fez escolher e refletir sobre o tema deste trabalho:

“A criança é feita de cem.
A criança tem cem mãos cem pensamentos
cem modos de pensar de jogar e de falar.
Cem sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.
Cem alegrias para cantar e compreender.
Cem mundos para descobrir.
Cem mundos para inventar.
Cem mundos para sonhar.
A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem) mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe: de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe: de descobrir um mundo que já existe
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas que não estão juntas.
Dizem-lhe enfim: que as cem não existem.

A criança diz: ao contrário, as cem existem.”
MALAGUZZI, (2016). *As Cem Linguagens da Criança*. Porto Alegre.

Minha maior motivação para cursar Pedagogia a princípio foi o interesse em entender como se estruturava o ensino com as crianças na primeira infância. Formada em Letras, lecionando para jovens de 13 a 18 anos na disciplina de Língua Portuguesa, sempre tive a curiosidade de compreender o que era a Educação Infantil.

Tive contato com crianças em uma escola na área rural de Iperó, lecionando no período da manhã como professora de língua portuguesa e a tarde cumprindo meus horários de trabalho auxiliando as professoras de Educação Infantil. Então, resolvi pesquisar e me encantei com as linguagens que as crianças expressam, que até então no fundamental II eram muito diferentes. Encantei-me especialmente com a relação deles com a natureza por serem filhos de assentados e de movimentos sem terra em torno da escola. Decidi cursar Pedagogia e por uma grata surpresa, dentro da UFSCar pude constituir-me como educadora, modificando o meu olhar.

Um dos maiores motivadores da minha pesquisa foi um livro que ganhei de presente de aniversário de uma pessoa muito especial em minha vida: *As Cem Linguagens da Criança*. Fiz sua leitura e refleti muito sobre o local em que estava trabalhando naquele período, assim como o meu motivo de estar cursando Pedagogia.

Devido a estar passando por uma experiência na Educação Infantil em um contexto tradicionalista em uma escola privada de Sorocaba, pude observar como se dava o ensino da Educação Infantil por meio deste viés e fiquei horrorizada com o tratamento que as crianças recebiam, a forma de como eram tratadas como pequenos adultos, fosse na cobrança de realização de atividades já prontas da apostila, fosse no “emparedamento” delas, no silenciamento de seus corpos, no desrespeito às suas especificidades e vontades, no roubo de sua criatividade – já que não tive contato com nenhum momento que lhes possibilitassem criação –, sendo que tudo lhes era oferecido de maneira pronta.

À parte disto, eu tive contato em minha graduação com diferentes abordagens pedagógicas, abordagens estas que modificaram o meu olhar inclusive sobre a Educação Infantil. Na Universidade tive a oportunidade de conhecer, a princípio teoricamente, a abordagem Reggio Emilia, e desde o momento que tive o primeiro contato já tinha este como o meu tema de pesquisa, eu queria conhecer mais sobre essa abordagem, sobre a arte inserida em um espaço de educação não convencional, queria trabalhar e estar

observando de perto como se davam as relações de ensino e aprendizagem em uma abordagem que parte do princípio da escuta atenta.

Após um ano de meu primeiro contato com essa abordagem na universidade, tive a oportunidade de trabalhar como estagiária em uma escola da rede particular inspirada na abordagem Reggio Emilia em Sorocaba. Inserida novamente em uma sala de aula, porém com outras características, percebi que eu precisava refletir não tão somente sobre a abordagem, mas também sobre outras características que ali aconteciam.

Encantei-me pelas propostas da escola e especialmente pelas propostas artísticas que as crianças realizavam, e se anteriormente eu tive o contato somente com atividades apostiladas para crianças de 3 a 6 anos, passei a ter o privilégio de observar de perto como se realiza o ensino em uma escola não tradicional.

Eu tive contato com todos os grupos da escola, mas escolhi como objeto desta pesquisa o grupo com o qual tive maior aproximação, que foi o G4, formado por crianças de 4 a 5 anos, e suas educadoras. Optei por observar as crianças, mas sobretudo as educadoras.

Por uma escolha natural ao longo do tempo que estive na escola, me encantei com os espaços, e todas as expressões das crianças relacionadas à arte, e fiquei curiosa sobre a formação dos professores.

A pesquisa que, a princípio, se realizaria somente como bibliográfica, tomou corpo e então optei também pela pesquisa de campo, qualitativa e introdutória por entender como um processo a ser percorrido ao longo de minha formação.

As questões fundamentais foram:

- ✓ Como as linguagens artísticas estão presentes na abordagem Reggio Emilia e na formação das educadoras desta escola?
- ✓ De que forma se expressam as crianças desde as inspirações presentes na abordagem de Reggio Emilia?
- ✓ De que forma as crianças e as educadoras realizam registros das práticas?
- ✓ O que são feitos com os registros e manifestações das crianças?

Essas questões foram inspiração para pesquisar sempre olhando desde o ponto de vista da criança, procurando viver o sonho das cem linguagens: pensar com as mãos, fazer com todo o corpo, escutar e falar, compreender com alegrias.

3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA: CAMINHANDO

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e com observação de campo. O levantamento bibliográfico, primeira etapa de qualquer investigação visando a compreensão do campo, encontrou autores já são renomados referencias nos estudos da abordagem de Reggio Emilia, como Loris Malaguzzi (2016), Carlina Rinald (2012), Vea Vecchi, (2016) Carolyn Edwards (2016), Lella Gandini (2016), George Forman (2016). Em seguida, a revisão da literatura levou ao encontro de outras referências, tais como Tizuko Kishimoto (2007), Julia Formosinho (2007), Ana Lucia Goulart de Faria (2007) e Paulo Freire (2017).

Em primeiro momento, a pesquisa teve por objetivo conhecer o contexto histórico do surgimento da abordagem Reggio Emilia no cenário pós-guerra na Itália. Em seguida o estudo objetivou identificar potencialidades das artes nas práticas educativas utilizadas na abordagem de Reggio Emilia em uma escola de Sorocaba, S.P., observando suas características, a elaboração dos espaços, bem como as formas pelas quais as educadoras realizam propostas artísticas com as crianças.

Para realizar a pesquisa firmamos um termo de livre consentimento com a escola (constante do APÊNDICE), permitindo a divulgação do estudo e das informações obtidas pela observação e nas rodas de conversa. Além disso, me comprometi a devolver à escola minhas reflexões formalizadas neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dando continuidade aos nossos diálogos sobre as práticas.

Apesar de termos as autorizações, não fazemos referências a nomes verdadeiros das pessoas envolvidas, por motivo de ética e preservação das identidades dos sujeitos.

A inserção em campo aconteceu durante um período de nove meses – de janeiro de 2019 a outubro de 2019 – acompanhado de experiências vivenciadas por crianças de 4 a 5 anos de idade, em uma turma denominada “G4”. A coleta de dados realizou-se através das imagens fotografadas por mim das propostas realizadas pelas professoras, assim como pelos registros de documentação pedagógica e da divulgação nas redes sociais feita por duas educadoras dos grupos 4 e 5, em páginas de caráter profissional denominadas “Crianser” e “Linguagens da Infância”, e pelo Instagram da escola. Com isso, constituí um acervo de 500 imagens, as quais foram analisadas a fim de compreender de que forma as linguagens artísticas estavam presentes no cotidiano das crianças.

Durante os nove meses em campo, pude estabelecer conversas com todos os educadores, contato direto com as crianças e, estando inserida pelo período de seis horas diárias, foi possível ter uma visão tanto da dimensão macro como da micro, percebendo diversos elementos que serão analisados ao decorrer do trabalho.

4. CAPÍTULO III. Um Breve Histórico da Educação Infantil na Itália

“A meu ver, nenhum lugar do mundo contemporâneo conseguiu ter tamanho sucesso como as escolas de Reggio Emilia”
(GARDNER, 2016, p.16)

Nos anos 1960, havia fortes discussões sobre as questões envolvendo crianças pequenas nos debates políticos da época, eram importantes essas discussões especialmente sobre o que estava sendo colocado em foco, se as escolas deveriam existir como um serviço social, infelizmente deixando em segundo plano todas as questões pedagógicas.

A Itália estava em um momento um pouco mais retrógrado, uma vez que em torno de vinte e dois anos esteve sob o fascismo, todas as questões educacionais foram abolidas de tal forma que teorias europeias e norte americanas, foram anuladas. Ao longo dos anos 60 esse cenário vai mudando a medida que aparecem em destaques trabalhos de John Dewey, Henri Wallon, Edward Chaparède, Ovide Decroly, Anton Makarenko, Lev Vygotsky e Piaget.

No ano de 1963, houve um marco na Educação Infantil italiana na qual teve sua primeira escola municipal dirigida para crianças que fora chamada de “Robinson”.

De acordo com Malaguzzi (2016, p.59):

Pela primeira vez na Itália, as pessoas afirmavam o direito de estabelecer uma escola secular para crianças pequenas: uma ruptura correta e necessária com o monopólio que a Igreja Católica havia, até então, exercido sobre a educação nos primeiros anos de vida das crianças.

Foi um momento de resistência, a então escola monopolizada pela Igreja Católica criava-se uma escola renovada, que não fosse discriminadora, tradicional, nem mantida pela caridade, a Igreja Católica então entra em uma luta pelo poder, e inicialmente até as crianças não frequentavam esse novo modelo escolar.

A escola fora feita de madeira e entregue pelas autoridades da época, se incendiou logo após um tempo de funcionamento e só restaram cinzas aos olhos das autoridades e todos que ali estavam, um ano após a escola foi reconstruída desta vez de tijolos e concreto, recebeu professores especializados de todo o mundo e iniciou novamente seu processo, divulgou no centro das cidades, as crianças tinham aulas em diversos ambientes e percorriam as ruas para serem vistas e para a divulgação, agora com um público maior. Malaguzzi (2016, p. 30) diz que “As crianças estavam felizes. As pessoas viam: elas se sentiam surpresas e faziam perguntas”.

Após a segunda guerra mundial houve um significativo aumento de natalidade que muda um pouco o rumo das prioridades idealizadas por uma exigência social. “Além disso, a solicitação para a colocação de filhas e filhos pequenos em creches e pré-escolas desenvolvia-se e transformava em um fenômeno em massa” (MALAGUZZI, 2016, p. 30).

Em 1967, todas as escolas administradas por pais passam a ser administradas pelo município de Reggio Emilia, fora uma luta de oito anos e então se torna direito da criança de três anos e seis anos frequentar a educação infantil. No ano de 1968 houve doze classes sob a administração municipal, em 1970 vinte e quatro classes, em 1972 trinta e quatro, 1973 quarenta e três, 1974 cinquenta e quatro classes, e em 1980 cinquenta e oito classes, todas distribuídas em vinte duas escolas.

Malaguzzi (2016, p. 16), relata que em 1976 foi difícil e inesperado: “No mês de novembro a Igreja Católica se posicionou de maneira contrária e os perseguiu, iniciou uma campanha difamatória contra as escolas administradas pelos municípios, especialmente contra nossas escolas”.

Foram diversas alegações entre elas que as crianças seriam corrompidas nesse novo modelo escolar, tudo se agravou pelo fato da Igreja Católica estar perdendo seu monopólio sobre a educação da época, após intensa luta e resistência de Malaguzzi e todos os profissionais da época a Constituição Italiana proíbe o uso de fundos federais para o patrocínio de escolas religiosas, fazendo a Igreja perder sua força e caminhando para uma educação Laica.

A Educação Infantil na Itália define os centros para primeira infância sendo: *Asilo Nido* dos quatro meses a três anos, e as escolas pré-primárias (*Scuole Dell' Infanzia* dos três anos aos seis anos. O primeiro centro (*Asilo Nido*) para crianças com menos de três anos surgiu antes da lei nacional de 1971, foi uma conquista para as mulheres da época que foi uma luta de cravada de dez anos, era uma forma de suprir a decisão das mulheres

pela maternidade e pelo trabalho, resistindo a estudiosos da época com opiniões contrária e a igreja católica que acreditava que a separação da mãe e do filho iria trazer riscos.

Iremos ver no próximo capítulo como se dava essa abordagem, e como a criança era reconhecida assim como as necessidades e direitos da criança na educação infantil.

4.1 Reggio Emilia na Itália, luta e resistência

“Ver um tanque de guerra, seis cavalos e três caminhões gerando uma escola para crianças pequenas é algo extraordinário”. (MALAGUZZI, 2016, p.64)

Para iniciarmos nosso diálogo sobre a abordagem de Reggio Emilia, pudemos entender seu contexto histórico na Itália, seu surgimento, luta e sua resistência para a realização de uma abordagem que parte do princípio da criança como protagonista de sua história, que inspira, encanta e atrai educadores de todo o mundo.

Localizada ao Nordeste da Itália, Reggio Emilia, uma pequena cidade, com cerca de 130.000 habitantes na região de Emilia Romagna, no mapa abaixo é possível observar sua localização assim como as cidades que estão mais próximas.

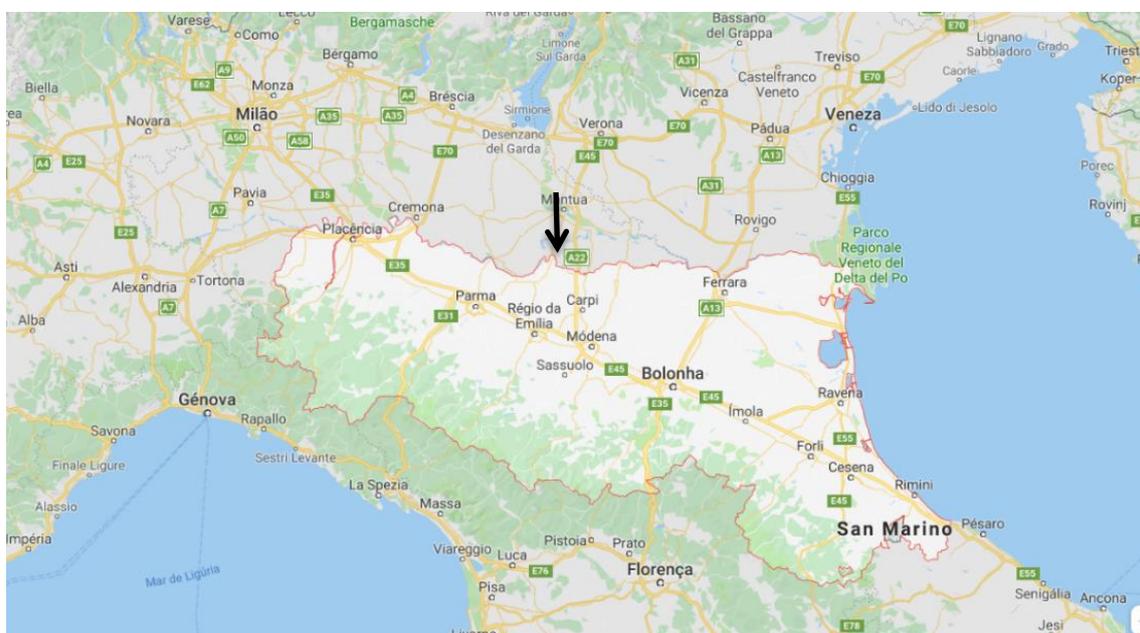


Figura 1: Mapa da Região Emilia Romagna na Itália, fonte: Google Maps. Capturado em: www.google.com.br/maps/place/Em%C3%ADliaRomanha,+It%C3%A1lia/@44.4300216,9.8557008,8z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x132ab57c46f385dd:0x1079b0bfcba7ca0!8m2!3d44.5967607!4d11.2186396

Entre conflitos com a igreja católica e um cenário pós Segunda Guerra Mundial lamentável, surge após exatos seis dias em 1945 na Primavera, uma escola que iria contribuir com a educação a primeira infância.

Em um vilarejo próximo a Reggio Emilia chamado Villa Cella sobreviventes da guerra se empenhavam na construção de uma escola que seria a esperança para as crianças da época, haviam decidido operar e construir do zero uma escola para crianças, Loris Malaguzzi ficou sabendo desse movimento e partiu a Villa Cella ver de perto, ele relata que viu mulheres recolhendo e lavando tijolos, que o deixou intrigado e de acordo com suas lembranças e relatos (MALAGUZZI, 2016, p.57) se recorda que:

As pessoas haviam se reunido e decidido que o dinheiro para começar a construção viria de um tanque abandonado de guerra, uns poucos caminhões e alguns poucos cavalos deixados para trás pelos alemães em retirada.

-O resto virá- disseram-me.

-Sou um professor- disse eu.

-Bom, eles disseram- Se isto é verdade, venha trabalhar conosco.

O trabalho para a construção da escola era realizado pelos sobreviventes da guerra e de maneira voluntária, a Terra fora cedida por fazendeiros, as vigas e tijolos eram os destroços das casas que haviam sido devastadas pela guerra.

Outras escolas foram criadas posteriormente aos arredores da “escola tanque” como ficou conhecida, iniciada por mulheres em Villa Cella, algumas escolas não conseguiram sobreviver, outras entretanto tiveram forças e funcionam até hoje em dia.

A região de Emilia Romagna onde está localizada a cidade de Reggio Emilia, possui um reconhecimento muito grande nas questões de solidariedade, relações sociais pelo fato de os cidadãos se unirem para essas questões, a confiabilidade nos políticos e nos poderes públicos é alta, tornando assim a comunidade mais próxima nas decisões deliberativas que ocorrem.

A primeira *asilo nido* em Reggio surge no ano de 1970, um ano antes da lei italiana que garantia as mães o acesso de seus filhos na Educação Infantil da Itália após 10 anos de luta, ela foi uma tentativa de conciliar a maternidade e o trabalho das mulheres, na época conturbada, defensores da escola na primeira infância como direito da criança tiveram que lidar com críticas e textos de pensadores como John Bowlby e Rena Spitz, que afirmavam que a ida da criança a uma escola geraria danos a ela pela questão da separação de sua mãe, tiveram também que lidar com a igreja católica na época que era contra a decomposição familiar. Malaguzzi (2016, p.62) afirma que “foram tempos

complicados, tiveram muito medo, mas esse medo os lançou a frente, desde a contratação da equipe docente que tinha como objetivo a contratação de professores jovens e com a contribuição dos próprios pais”.

4.2 Conhecendo Loris Malaguzzi

Loris Malaguzzi nasceu no dia 23 de fevereiro de 1920, em Correggio, Itália e faleceu em 30 de janeiro de 1994, Regio Emilia. Graduado em pedagogia pela Universidade de Urbino, lecionou também em escolas primárias em uma cidade próximo a Reggio Emilia.

É o precursor da abordagem conhecida como Reggio Emilia, ajudou as mulheres na construção da “escola Tanque” em Villa Cellae em torno de sete anos, após esse período, Malaguzzi saiu de seu emprego em uma dessas escolas, inicialmente em Vila Cella e posteriormente em Reggio, que apesar de ser seu sonho ele ainda se incomodava com os problemas por ser operada pelo Estado, as indiferenças com as crianças, conhecimentos engessados e oportunismo o motivaram a partir para Roma estudar Psicologia no Centro Nacional de Pesquisa (CNR), quando retorna de seus estudos a Reggio Emilia trabalha em um Centro de Saúde Mental mantido pelo município que atendia crianças com dificuldades nas escolas, porém ele continuava sua jornada nas escolas em contra turnos de seu trabalho.

Desde então se empenhava em uma educação que valorize a criança como protagonista da sua história, respeitando-a em suas diferenças e especificidades.

Ana Lucia Goulart de Faria (2007, p.279) salienta a importância dos estudos de Malaguzzi acerca a Educação Infantil enfatizando que:

Ao fato de Malaguzzi ter sido um pensador da educação somente das crianças pequenas, tanto de 0 a 3 anos (em creches) quanto as de 3 a 9 anos (em pré-escolas). Outras diferenças também relevantes merecem destaque: ele inaugura na Itália a educação laica para a primeira infância e a rede na esfera municipal (até então só era estatal).

Reforça que sua história com a educação pode ter sido pela tragédia da guerra que o comoveu de alguma forma e o inspirou e motivou para a tarefa de educar as crianças contribuindo e ajudando a melhorar esse cenário, ele recorda-se, Malaguzzi (2016, p.63):

Logo depois da guerra senti um pacto, uma aliança com as crianças, com os adultos, com os veteranos de campos de prisioneiros, com os partidários da Resistência e com os sofredores de um mundo devastado.

Contudo, todo esse sofrimento foi afastado por um dia na primavera, quando ideias e sentimentos se voltaram para o futuro, pareceram tão mais fortes do que aquele que exigia que parássemos e nos focalizássemos no presente. Parecia que as dificuldades não existiam, e que os obstáculos não eram mais insuperáveis.

Ele se motivava e sentia responsável por propiciar uma educação de qualidade em que as crianças necessitavam serem ouvidas e compreendidas em suas particularidades.

Aqui foi tratado o nascimento de uma escola gerida pelo poder público e pelos pais, que se tornara ponto de referência e recurso para a educação pelo mundo. Ao longo dos anos o sistema se desenvolveu com princípios, ideologias e pressupostos pedagógicos que se tornaram inovadores, especialmente na época. Edwards (2016, p.23), reforça que:

A experiência de Reggio Emilia estimula o desenvolvimento infantil por meio do foco sistemático na representação simbólica. As crianças pequenas são encorajadas a explorar o seu ambiente e a se expressar por meio de múltiplos caminhos e de todas as suas ‘‘linguagens’’, incluindo: expressiva, comunicativa, simbólica, cognitiva, ética, metafórica, lógica, imaginativa e relacional.

No próximo capítulo sua abordagem é tratada com mais profundidade e, ao longo do trabalho, observamos sobre o que esperar da experiência de uma criança inserida em uma escola com abordagem Reggio Emilia.

4.3 Os encantamentos de sua escola

Abrangendo além de gerações passadas, atuais, refletindo sobre as escolhas ao longo do tempo, nasce a escola de Loris Malaguzzi, resistindo a forte pressão da Igreja Católica da época. De acordo com Malaguzzi (2016, p.69):

Pensamos em uma escola para crianças pequenas como um organismo vivo integral, como um local de vidas e relacionamentos compartilhados entre muitos adultos e muitas crianças. Pensamos na escola, como uma espécie de construção em continuo ajuste. Certamente precisamos ajustar nosso sistema de tempos em tempos, enquanto o organismo percorre seu curso de vida, exatamente como aqueles navios-piratas eram obrigados a consertar suas velas e, ao mesmo tempo, manter seu curso no mar.

A característica principal da escola, é se constituir enquanto seu funcionamento, sempre estar se organizando e se transformando de maneira que nunca atinja nenhum estágio de acomodação, terminado, mas sempre em renovação.

O ambiente da escola deve ser acolhedor, pensando nessa perspectiva, Malaguzzi refletiu sobre a possibilidade da interação do programa educacional, organização do ambiente e organização do trabalho. Malaguzzi (2016) afirmava que seu objetivo era criar um ambiente amistoso, onde crianças, famílias e professores sintam-se confortáveis.

Para ele, as características do espaço da escola se sustentam da seguinte maneira (MALAGUZZI, 2016, p.69):

Existe o *hall* de entrada, que informa, documenta e antecipa a forma e a organização da escola. Este leva à sala de refeições, com a cozinha bem à vista. O *hall* de entrada leva ao espaço central, ou *piazza*, o local dos encontros, jogos e outras atividades que complementam aquelas da sala de aula. As salas de aulas e as diversas outras salas estão localizadas a certa distância, mas conectadas a área central. Cada uma é dividida e duas salas contíguas, utilizando uma das poucas ideias de Piaget. Sua ideia era a de permitir que as crianças estivessem com os professores ou ficassem sozinhas; mas nós usamos os dois tipos de espaços de muitas formas. Além das salas de aula, estabelecemos o *atelier*, o estúdio e o laboratório da escola como locais para manipulação ou experimentação com linguagens visuais separadas ou combinadas, isoladamente ou juntamente às linguagens verbais. Temos também os *miniateliers*, próximos a cada sala de aula, que permitem o trabalho em projetos extensos. Temos uma sala para música e também um arquivo, onde colocamos muitos objetos úteis, tanto grandes, quanto pequenos, e objetos não comerciais, feito pelos professores e pelos pais.

Os espaços da escola além de serem planejados para serem agradáveis, são pensados também na documentação dos trabalhos realizados pelas crianças de tal forma que as paredes da escola documentam histórias.

Os professores trabalham em pares, um auxiliando o outro na sala de aula, o planejamento ocorre com os pares das outras salas, há reuniões com todos os profissionais uma vez por semana, a fim de refletir e ampliar seus conhecimentos, as famílias se reuniram mensalmente se tornando uma junta de conselheiros. Essa organização visa oferecer uma sensação de pertencimento ao local de trabalho.

Rinaldi (2016, p.108) afirmou que “As escolas não são, portanto, ‘experimentais’. São, em vez disso, parte de um sistema público que tem lutado para combinar o bem-estar das crianças e as necessidades públicas das famílias com os direitos humanos fundamentais à infância”, combinando as necessidades sociais, mas pensando e refletindo educação infantil.

Uma escola com maior diálogo, um estilo aberto e mais democrático, tende a ampliar os horizontes assim como organizar a escola de forma mais leve tornando-a mais agradável. Para Malaguzzi (2016, p.25) “tudo isso contribui para estruturar-se uma educação baseada no relacionamento e na participação”

4.4 Características da abordagem

“O que as crianças aprendem não ocorre como um resultado automático do que lhes é ensinado. Ao contrário, isso se deve em grande parte à própria realização das crianças como consequência de suas atividades”. MALAGUZZI (2016, p.72)

A abordagem se fundamenta a partir das necessidades das crianças de forma que o planejamento na abordagem tradicional e na de Malaguzzi se distinguem na medida em que acontecem, da seguinte maneira: primeiro na abordagem tradicional, que pressupõe como método de trabalho os objetivos gerais junto com os específicos para as propostas, sendo elaborado o plano antes do contato com as crianças, permanecendo um plano único a todas as crianças.

Na abordagem Reggio, os educadores apresentam objetivos gerais sem se prender nos objetivos específicos, pois no lugar desse planejamento pronto como é no método tradicional, eles formulam hipóteses sobre o que seria esperado baseando-se em suas experiências passadas e seus conhecimentos sobre as crianças, então formulam objetivos flexíveis se adaptando as necessidades de cada criança inserida no projeto ou na propostas, este desenho de planejamento é o que Malaguzzi compreende por currículo emergente, que parte da real necessidade da criança, não sendo nunca igual e nem dado.

A visão e imagem da criança rica, forte e potente é colocada em ênfase de acordo com Rinaldi (2016, p.108):

A ênfase é colocada em vê-las com direitos, em vez de simplesmente com necessidades. Elas têm potencial, plasticidade, desejo de crescer, curiosidade, capacidade de maravilhar-se e o desejo de relacionarem-se com outras pessoas e de comunicarem-se.

Essa visão contribui para realmente levar em consideração a criança como sujeito histórico e de direitos, repensando a visão passada de creche como assistencialismo, a necessidade de expressão se faz importante como o direito de estarem socializando, com pluralidades de linguagens simbólicas, recebendo e oferecendo, em um ciclo de trocas infinitas, a princípio em aprendizagens em grupo. RINALDI (2016, p.108), afirma que se fazia necessário uma busca contínua de abordagem que rompa com a tradição didática:

Estamos falando sobre uma abordagem baseada em ouvir ao invés de falar, em que a dúvida e a fascinação são fatores bem-vindos, juntamente com a investigação científica e o método dedutivo do detetive. É uma abordagem na qual a importância do inesperado e do possível é reconhecida, um enfoque no qual os educadores sabem como “desperdiçar” o tempo ou, melhor ainda, sabem como dar as crianças

todo o tempo que necessitem. É uma abordagem que protege a originalidade e a subjetividade sem criar o isolamento do indivíduo, e oferece às crianças a possibilidade de confrontarem situações especiais e problemas como membros de pequenos grupos de camaradas.

Nesse enfoque espera-se que os envolvidos, pais, educadores, sirvam-se de referenciais para que as crianças possam voltar-se, não é uma tarefa fácil visto que não é simplesmente responder as perguntas das crianças, satisfazer suas curiosidades e sim auxiliar em seu descobrimento de forma autônoma, estímulo a questionar aos outros e a si mesmas e todas questões que desejarem.

O trabalho em projetos auxilia na comunicação e elaboração de elementos que lhes façam mais sentidos, por serem de seu próprio ambiente, a criança faz suas escolhas e define seus caminhos aumentando a confiança em seu instinto se sentindo capaz e potente, sendo sempre a avaliação centrada no projeto e não nas crianças.

Malaguzzi (2016, p.71) afirma que a relação é um enfoque indispensável em sua abordagem na medida em que criam caminhos para a comunicação:

Em nossa abordagem, portanto, a fim de progredirmos, fazendo planos e reflexões ligadas aos campos cognitivos, afetivo e simbólico; refinamos as habilidades de comunicação; somos muito ativos na exploração e criação em grupo, permanecendo abertos a mudanças. Desta forma, enquanto todos os objetivos são compartilhados, o aspecto mais precioso é a satisfação interpessoal.

Esse enfoque também se dá nas questões de identidade das crianças, reconhecendo a comunicação como melhora de sua autonomia como individual e como grupo.

A criança faz a todo o momento pesquisas, investigações à medida que são encorajadas a encarar e criar ou solucionar os desafios criados por elas mesmas ou pelos educadores. Malaguzzi (2016, p.72) ressalta que “as crianças mostram-nos que sabem como caminhar rumo ao entendimento.”

À medida que as crianças possam ser auxiliadas a perceber a si mesmas como autoras ou inventoras, e uma vez que sejam ajudadas a descobrir o prazer da investigação, sua motivação e interesse explodem.

A escola possui o “*atelier*” como espaço de provocação, de caos, um espaço sem possibilidade de tédio, as mãos como protagonistas de criações com alegria e liberdade. Para a garantia de um sucesso na abordagem se faz necessária uma adesão a uma visão de concepção teórica clara e aberta. Para Malaguzzi, isso garante a coerência nas escolhas, aplicações práticas e crescimento.

A seguir, são aprofundadas as principais características desse espaço importante na escola de Reggio Emilia, o atelier.

4.5 Características de um espaço como arte: o *Atelier* em criatividade, liberdade e expressão

“Podemos dizer que essa pedagogia tem na arte seu fundamento, além da ciência, que é permanentemente problematizada”. Faria (2007, P.281)

Os espaços na abordagem de Reggio Emilia, e o “*atelier*” foram implementados, por Loris Malaguzzi, levando em consideração a criança como autora de sua própria capacidade criadora, pesquisadora e criativa.

Rinaldi (2014, p.146) afirma que “A definição dos espaços como o “terceiro educador”, tão cara a Malaguzzi, fornece uma boa noção dos níveis de percepção que já haviam sido alcançados.” O espaço se torna tão educativo, sendo considerado não tão somente um “terceiro educador” mas também uma ferramenta importante, se importando com a estética física e artística, um ambiente que educa a criança.

Ela também ressalta que (RINALDI, 2014, p.146):

O direito a um meio ambiente, à beleza, o direito de contribuir para a construção desse meio ambiente e dessa ideia de beleza, uma estética compartilhada: um direito de todos, educadores e adultos em geral, e que só poderia se expressar por meio de um processo permanente de pesquisa.

Somente através da escuta dos desejos da criança se cria um espaço que ela esteja precisando, a pesquisa se faz fundamental visto que se torna um processo contínuo e que parte de todos os profissionais ali existentes.

O espaço também deve ser considerado como um local que se adapte as necessidades de experimentação das crianças, de modo que se ajuste e se recrie infinitas vezes se assim elas desejarem. Eles pedem por mudanças constantemente e os espaços pedem por mais projetos, mais pesquisas, mais paixões, mais entusiasmos.

Em relação a elaboração do projeto de construção da escola, acima até das questões arquitetônicas, construção civil, houve uma preocupação com as questões de conforto, praticidade, e encantamentos nos espaços que ali foram construídos, refletindo sobre todas as linguagens e as unindo, a tarefa dessa união e reflexão visa assegurar a existência e o fluxo gerando um resultado melhor, Rinaldi relata que (2014, p.151):

Agora é hora de criar essa simbiose entre arquitetura e pedagogia e outras disciplinas, de modo a encontrar espaços melhores, mais apropriados. Não estamos em busca de um espaço ideal, mas de um

espaço capaz de gerar a própria mudança, pois um espaço ideal, uma pedagogia ideal, uma criança ou ser humano ideal não existem.

O espaço além de ser planejado de maneira que seja pensando na junção das linguagens, também parte de concepções culturais e raízes mais biológicas, sendo que o espaço possui uma linguagem bem marcante que, por vezes, não está explícita, mas o reconhecemos desde pequenos.

O espaço constrói pensamento, todos os fatores do nosso corpo fazem a leitura desde os fatores sensoriais aos táteis, a pessoa e o espaço sempre se modificam assim criando uma ligação, a percepção do espaço é modificada a cada fase da vida e se transforma com frequência sendo também única a cada pessoa, visto que cada um traz consigo suas leituras de mundo e sua bagagem cultural, cada um habita um mundo sensorial distinto. Em espaços compartilhados cada criança atribui ao espaço suas questões, leituras e percepções inatas e envolvimento de nível mais elevado.

Ele reflete a cultura das pessoas que ali estão inseridas.

Possui a preocupação de beleza, harmonia, desde a mobília até nas cores das paredes, cheiros e especialmente nas plantas verdes e saudáveis, que frequentemente são criados em conjunto pelos pais, alunos e educadores, Gandini (2016, p. 141) afirma que “O cuidado especial com a aparência do ambiente, juntamente com o desenho dos espaços, que favorece a interação social, são elementos essenciais da cultura italiana.”

Na preparação deve-se levar em consideração também a ligação do campo cognitivo com os campos do relacionamento e da afetividade, havendo interligação entre o desenvolvimento e a aprendizagem, as linguagens simbólicas e na autonomia individual e do grupo.

O espaço também documenta toda história, relação e práticas que acontecem, pois é marcado pelo fato de todas as produções serem feitas pelas próprias crianças. Malaguzzi (2016, p.146) afirma que: “As paredes de nossas pré-escolas falam e documentam. As paredes são usadas como espaços para exposições temporárias e permanentes de tudo o que as crianças e os adultos trazem à vida.”

Em relação ao espaço na abordagem de Reggio, existe também o *atelier*, a respeito do qual Malaguzzi (2016, p.143) afirma que:

O atelier, em nossa abordagem, é um espaço adicional dentro da escola, onde é possível explorar com nossas mãos e nossas mentes, onde podemos refinar nossa visão através da prática das artes visuais, trabalhar em projetos ligados a atividades planejadas em sala de aula,

explorar e combinar ferramentas, técnica e materiais novos com outros bem-conhecidos.

O *atelier* é utilizado como um espaço ligado com todos os outros ambientes da escola, ele é utilizado de forma com que as crianças possam se expressar de modo a experimentar diferentes materiais, é um paralelo a sala, porém com ligação aos projetos por lá já iniciados. Vecchi, (2016, p.124) afirma que o atelier:

O *atelier* serve com duas funções. Em primeiro lugar, ele oferece um local onde as crianças podem tornar-se mestres de todos os tipos de técnicas, tais como pintura, desenhos e trabalhos com argila- todas as linguagens simbólicas. Em segundo lugar, ele ajuda que os professores compreendam como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, de liberdade cognitiva, de liberdade simbólica e vias de comunicação.

Como pudemos observar, Vecchi assegura a importância do atelier na medida em que é utilizado juntamente com as propostas das professoras em sala de aula. Ele se torna uma extensão de todos os projetos que são feitos pelas professoras na sala, sendo que um espaço não exclui o outro, mas sim, se complementam de tal maneira que a criança se sente mais à vontade e parte do espaço. Malaguzzi (2016, p.72) se refere ao *atelier* como um espaço que:

Seu ambiente deve ser preparado de modo a interligar o campo cognitivo com os campos do relacionamento e da afetividade. Portanto deve haver também conexão entre o desenvolvimento e a aprendizagem, entre as diferentes linguagens simbólicas, entre o pensamento e a ação e entre a autonomia individual e interpessoal.

O *atelier* muitas vezes é um espaço no qual as crianças podem se expressar também de uma maneira que muitas vezes na sala não é possível, inclusive no manuseio de elementos diversos, entre eles tinta, argila, barro entre outros que na sala não tem contato, é um espaço que não os limita em relação a sujarem-se, eles muitas vezes são recebidos de um jeito e a espaço é transformado em instantes, eles destinam o andamento da proposta. Eles chegam ao caos em segundos Malaguzzi (2016, p.78) se recorda que seria muito bom ter uma escola cercada de laboratórios parecidos com “*atelier*” mas a medida que se foi pensado nos recursos se tornou inviável pelo custo, mas ele idealiza uma “*escola feita de espaços onde as mãos das crianças pudessem estar ativas para criar o caos, sem possibilidade para o tédio*”, as mãos e a mentes engajadas e livres.

O espaço como um todo documentava, mas, especialmente este espaço, contribuiu muito no processo da documentação pedagógica, rico em matérias, ferramentas e pessoas

com competências profissionais relevantes, mudando o olhar dos profissionais, aguçando a escuta, o registro, gerando e possibilitando um material rico de estudos, tanto para os professores, quanto para a comunidade, uma oficina para documentar.

Ele satisfaz também outras necessidades advindas na construção da escola, entre elas proporcionar uma comunicação efetiva com os pais, para mantê-los mais informados sobre o que acontecia nas escolas, mas ao mesmo tempo um sistema para documentar o trabalho com que era realizado com as crianças, era possível mostrar as habilidades e capacidades que as crianças tinham, quanto valor era colocado em seus filhos e como eram valorizadas as suas especificidades e seu senso crítico. Malaguzzi (2016, p.80), entretanto pontua:

Deixe-me salientar, contudo, que o atelier jamais pretendeu ser um espaço separado e privilegiado, como se apenas ali as linguagens da arte expressiva pudessem ser produzidas. Na verdade, era um local onde as diferentes linguagens das crianças podiam ser exploradas por elas e estudadas por nós e uma atmosfera favorável e tranquila. Nós e as crianças podíamos experimentar modalidades, técnicas, instrumentos e matérias alternativos.

Vecchi (2017), afirma que as crianças no *atelier*, podem experimentar diferentes tipos de técnicas e se tornarem mestres, à medida que cada escola possui o seu profissional atelierista a escola se torna diferente das outras, pois cada um coloca um pouco de sua personalidade no local, ele fica caracterizado pela presença de um espaço provocador, e perturbador sobre ideias tradicionais e ultrapassadas.

Ela frisa bem a relação de não se esperar somente um produto final das crianças, visto que o processo é muitas vezes tão ou mais importante que o produto, espera-se muitas vezes um produto final, entretanto apesar de achar as obras das crianças riquíssimas, o produto não é algo principal no processo, a comparação das obras das crianças com artistas famosos deve-se ser assegurada para não haver ambiguidade e conclusões falsas, como por exemplo no comportamento inatista da criança, comparar mesmo de forma simples, nos mostra um novo olhar, um olhar de que não entendemos as crianças e aos artistas.

O papel do atelierista é amplo e muito rico, Vecchi se refere ao seu trabalho com a parceria com as outras professoras, ela relata que todos os dias ela passa de sala em sala e observa, escuta, repara no que acontece, ela reflete a possibilidade de surgir um projeto ou continuar com os projetos existentes, ela também acha incrível as infinitas

possibilidades de projetos que podem ser criados e como cada um se torna único e passível de estudo, ela relata que aprende muito com cada projeto.

De acordo com Rinaldi (2014), é fundamental a organização de espaços de modo a proporcionar às crianças a oportunidade de expressarem seu potencial, instigar suas curiosidades, explorar pesquisas sozinhas e em conjunto, aguçar o seu potencial de construtores de projetos individuais e da sala, proporcionar autonomia, saber que serão respeitadas em suas especificidades.

5. CAPÍTULO IV. ANÁLISES DOS DADOS

A escola onde foi realizada a pesquisa localiza-se na cidade de Sorocaba-SP. De acordo com o site da escola, ela se considera construtivista com abordagem Reggio Emilia. A proposta pedagógica da escola é organizada por meio de um currículo que entrelaça a vida, o brincar e a forma como as crianças interpretam o mundo. Ela tem como proposta utilizar e valorizar as diferentes linguagens da criança, escutá-la, e as tornar autônomas.

Inspira-se principalmente nos/nas seguintes pesquisadores/as: Loris Malaguzzi - Educador italiano, Anna Tardos - Psicóloga húngara, Emmi Pikler - Pediatra húngara, Manuel de Barros - Poeta modernista brasileiro e Paulo Freire - Educador brasileiro.

A escola possui um quintal bem amplo que é um ponto de encontro de educadores, pais, crianças e outros funcionários, possui alguns brinquedos no parque, duas casinhas de madeira sendo uma no parque principal e a outra no parque dos fundos, dois balanços de metal e um galinheiro com três galinhas da angola. Há uma placa no balanço escrito “praça de acolhimento” e ali as crianças são recebidas na entrada e são reunidas na saída.



Figura 02: Quintal da escola. Fotografia do acervo da autora.

As salas de aula das crianças são divididas por grupos sendo: o berçário e o grupo 1 na casa principal, onde também se localiza a sala da direção, salão principal, tanque de areia, os dois parques, cozinha, banheiros, refeitório, entrada das crianças e o *atelier* de artes, e os grupos 2, 3, 4 e 5 na outra casa, onde também se localiza o *atelier* sabores, sala dos professores. As turmas são denominados ‘grupo’, e o número corresponde a idade prevalente do grupo, o objeto da pesquisa realizou-se nos grupos 4 e 5, com idades de quatro anos até seis anos de idade.

As salas são pequenas e muito diferentes umas das outras. Cada uma traz um pouco da história do grupo e a interação deles com a sala, algumas salas possuem mais documentação pedagógica das crianças, outras não. Os grupos 4 e 5 possuem bastante desenho das crianças na sala e materiais como lápis, caneta hidro color, giz de cera, giz pastel e tintas a disposição das crianças, elas podem desenhar em todos os momentos. Há também livros e jogos a disposição das crianças, e mesmo com propostas fechadas as crianças podem pegar todos os materiais disponíveis. As imagens a seguir, foram feitas nas salas de aula:



Figura 03: sala do G4, matérias disponíveis. Fotografia do acervo da autora.



Figura 04: Documentação das crianças na sala do G4. Fotografia do acervo da autora.

As crianças fizeram uma proposta (figuras 5, 6 e 7), que era colorir os papéis que estavam fixados na parede. O planejamento das professoras foi na disposição dos materiais. As crianças coloriram o papel e também o corpo. Elas pintaram os colegas e exploraram diversos tipos de pincéis e sensações e, apesar da proposta ter sido outra, eu achei muito significativo que a professora lidasse com o fato de a situação ter saído de seu controle, dando o controle para as crianças e compreendendo a necessidade do grupo de pintar o corpo. Depois da proposta, conversei com a professora e ela me revelou que a princípio não seria esse seu intuito, mas que como as crianças sentiram a necessidade ela também sentiu, e permitiu.



Figuras 5, 6 e 7: Documentação de produções das crianças nas paredes e armários. Fotografias do acervo da autora.

Na figura 08, observa-se que as crianças fizeram quatro propostas e quiseram expor. A primeira foi um filtro de sonhos com a atelierista da escola, elas criaram seus próprios filtros e pintaram com argila, a segunda proposta foi de cobrir uma parede da escola que estava com infiltrações, elas quiseram fazer uma para este local solicitado e outro para a sala e fizeram círculos e uma criança deu a sugestão de pendurar no papel e saiu do jeitinho que planejaram. Elas fizeram as letras do alfabeto com materiais disponíveis na escola e usaram até as penas das galinhas que encontraram no quintal.

A última proposta foi um desenho compartilhado para a professora que estava de licença médica, e eles capricharam e quiseram colocar logo na parede principal para que quando chegasse ela visse, foi muito emocionante este fato e o jeito que eles mesmo planejaram o material, a disposição dos desenhos.



Figura 08: Documentação no hall da escola. Fotografia do acervo da autora.

O salão principal da escola também possui criações feitas pelas crianças, a escola como um todo possui em praticamente todos os espaços documentação histórica das crianças. Nas figuras 09 e 10, nota-se que as crianças desenharam os colegas, e os colegas teriam que desenhar a elas na parte de trás da mesma folha. Observei grande riqueza de detalhes que eles viam uns nos outros, observando todas as características e as reproduzindo como desejassem. A arte finalizada foi disponibilizada no hall central, eles chamaram os pais na saída para observar e comentavam com todos os funcionários da escola.

Logo na entrada, é possível ter contato com trabalhos feitos pelas crianças, assim como pode mostrar aos visitantes as potencialidades da criança, a ela demonstrava todo o cuidado com suas produções, muitas de suas obras, eram apenas fotografadas ou digitalizadas e devolvidas à criança, pois as educadoras relatavam que a produção é da criança e a mesma pode levar para a casa, se assim desejar.



Figuras 9 e 10: Documentação no hall da escola. Fotografias do acervo da autora.

O *Atelier*, como espaço de forma e expressão, na escola é utilizado a qualquer momento, as professoras avisam umas as outras que irão utilizar, e a atelierista do local também o utiliza bastante. Logo na entrada do ateliê existe uma placa escrito “ Atelier Loris Malaguzzi”, o atelier da escola localiza-se no parque e é muito convidativo pois está sempre cercado de produções das crianças assim como detalhes, tesouros, elementos que as crianças confeccionaram ou trouxeram de casa.



Figuras 11 e 12: Atelier. Fotografias do acervo da autora.

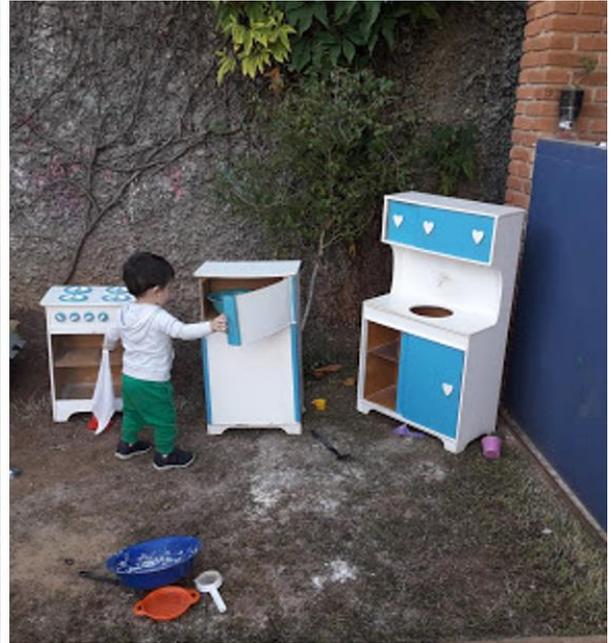
Percebi que, na maior parte do tempo, as professoras criam espaços diferentes para as crianças, na sala de aula, no parque, no salão e no *atelier*, e as crianças podem utilizar a qualquer momento, como quiserem, eu pude observar que sempre há algum elemento diferente no parque, sempre mais de um espaço e a criança escolhe o local que deseja brincar, explorar, pesquisar.

A seguir, das figuras 13 até a 22, revelo alguns espaços fechados e abertos que pude observar. Todas as fotografias foram feitas por mim e compõem o meu acervo. Escolhi apenas algumas, mas pude registrar mais de 100 espaços diferentes.

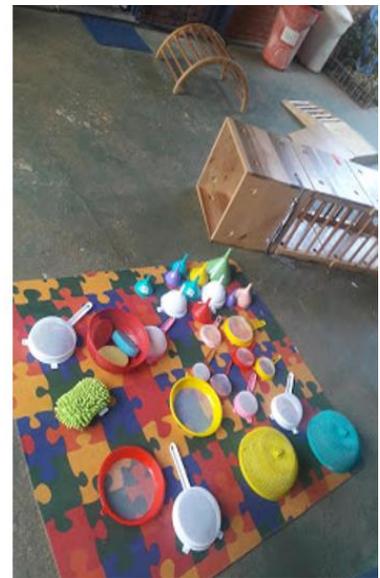
Na figura 13, podemos observar uma criança brincando com um guarda chuva que foi confeccionado para fazer contação de histórias, também há bambolês que estavam dispostos no chão para as crianças brincarem de diversas formas. O espaço foi montado após longos dias de chuva, é possível ver a terra molhada. Este dia foi bem diferente, pois apesar de o guarda chuva estar disposto no quintal a educadora o colocou pensando na possibilidade de contar histórias entretanto uma criança mudou todos os planos e ela mesma saiu cantando pelo quintal todo.



Figura 13: Espaços externos, criança explorando elementos colocados no quintal, guarda-chuva e bambolês.



Figuras 14 e 15: Espaços externos preparados pela professora para exploração de elementos de cozinha e elementos da natureza.



Figuras 16, 17 e 18: Espaços interno com bonecas e tecidos. Fantoches em frente ao espelho, colocados no salão principal. Espaço externo, com elementos heurísticos dispostos no quintal.



Figuras 19 e 20: Espaços externo, crianças brincando com macarrão e panelas.



Figuras 21 e 22: Espaços externo, elementos adicionados ao quintal.

Percebi a importância de as propostas serem realizadas tanto nas áreas internas como nas externas, e de os materiais serem sempre reaproveitados, assim sempre tinham espaços diferentes.

Cada educador elaborava os mesmos com suas visões de mundo e sua criatividade, o que para um era apenas um fio, como na figura 22 percebemos que se transformou em uma cama de gato, a criatividade por parte dos educadores me surpreendia em cada instante, pois quando eu achava que haviam se esgotado as possibilidades de criação de novos espaços, eles montavam mais e mais, nunca se findando.

5.1 Análise das propostas artísticas das crianças na abordagem de Reggio Emilia

Neste capítulo observamos espaços preparados pelos educadores para as crianças, vivenciarem propostas que contemplem a parte artística, criativa e lúdica. Assim como analisar de que maneira a arte está presente na rotina das crianças na abordagem de Reggio Emilia.

Durante a observação na escola, pude perceber o quanto todos os espaços estavam sendo bem preparados. Na maior parte do tempo, as crianças não ficam em sala de aula e sim nos espaços externos, aproveitando o máximo o quintal que muitas chamavam de quintal mágico. Os espaços eram divididos nos planejamentos entre abertos e fechados, sendo os fechados apenas nas oportunidades de reunião com o grupo de referência, leitura de histórias e rodas de conversas. A seguir são reveladas algumas propostas realizadas em espaços abertos e fechados.



Figura 23: Couve-flor e giz de cera. Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bx493DsALtp/?igshid=kukmw1denlo>

Nesta proposta acima, com foto divulgada publicamente pela página do instagram da escola, a atelierista colocou couve flor e algumas folhas em cima da mesa do ateliê da escola e disponibilizou papéis e giz de cera em torno dos elementos.

O espaço ficou disponível por mais ou menos 4 a 5 dias. Ela não deu nenhuma orientação, apenas montou o espaço para provocar as crianças. Elas foram desenhando e investigando o novo objeto ali colocado, no final do primeiro dia depois de vários grupos terem passado pelo espaço, a couve flor e as folhas, estavam completamente despedaçadas e espalhadas por todo o chão As crianças cada uma com sua especificidade

as explorou de uma maneira, algumas sentiram-se intrigadas pela disposição dos papéis e do giz de cera e desenharam, outras quiseram sentir as texturas, cheiros e até as colocaram na boca.

No final da semana, o espaço, estava todo cheio de pedaços de folhas e couve flor pelo chão, cada dia que iam aos espaços, as crianças investigavam de uma nova maneira, o espaço foi morrendo assim como as plantas. Vecchi (2017, p.30) afirma que as escolas utilizam espaços com folhas naturais, entretanto algumas propostas se desviam do esperado, por este motivo é preciso se atentar ao que desejam as crianças e as educadoras em uma proposta assim:

As folhas parecem ser muito desejadas na didática escolar por diversas, e também corretas, razões, mas, muito frequentemente, e muito cedo, elas se transformaram em cadáveres muito distantes daquele “pulsar da vida” que é preciso não perder ao longo das investigações que estão sendo feitas.



Figuras 24 e 25: Massa de modelar e elementos. Foto ensaio feito a partir de fotografias capturadas em Crianser: <https://www.instagram.com/p/Bx493DsALtp/?igshid=kukmw1denlo>

Nas figuras 24 e 25, observa-se que a professora confeccionou massa de modelar de farinha, e as crianças fizeram a sua, posteriormente ela disponibilizou sementes e grãos que tinha disponível na sala e foi muito interessante observar as criações das crianças com os elementos pouco a pouco disponibilizados, elas criaram esculturas e obras muito ricas em cuidado e estética.

A união da delicadeza da massinha e da textura mais ásperas dos grãos também chamaram a atenção delas, elas num primeiro momento fizeram suas pesquisas, suas experimentações e posteriormente montaram suas obras de arte, cada uma com seu

cuidado na hora de adicionar os elementos, foram criados além de esculturas, casas e animais, com muita criatividade.

A figura 26 mostra que as crianças puderam observar um animal por diferentes ângulos e maneiras, foram também disponibilizados lápis de cor e papéis e a imaginação foi muito rica, elas desenharam de formas distintas, se umas quiseram retratar o animal como se fosse 3D, outras fizeram desenhos como se não tivesse o espelho e uma delas se desenhou, pois ao se aproximar viu sua imagem no espelho. Vecchi (2016, p.123) afirma sobre o uso das artes visuais:

É muito fácil dizer coisas negativas sobre como a educação artística é tratada nas escolas de educação secundária na Itália, pois era realmente marginal nessas escolas. O que me atraiu para as pré-escolas em Reggio foi, em primeiro lugar o uso de linguagens visuais, como a construção de pensamentos e sentimentos dentro de uma educação holística, e em segundo lugar, o fato do *atelier* torna-se um veículo cultural para o desenvolvimento de professores.



Figura 26: Desenho em diferentes perspectivas.

Fonte:

<https://www.instagram.com/p/B2NTu6JgRx0/?igshid=2gb2mt4hvnai>

Nesta proposta, as crianças além de terem contato com as artes visuais eu percebi também o desenvolvimento da auto reflexão e o olhar cuidadoso ao retratar um animal que por um longo período utilizavam apenas como brinquedo.



linguagens_da_infancia • Seguir

linguagens_da_infancia
Resignificando materiais. Crianças em processo de criação...

7 sem

lianamarques82 Obaa vou fazer!!

7 sem Responder



Curtido por shimizuana e outras pessoas

linguagens da infancia Resignificando materiais. Crianças

Figuras 27, 28 e 29: Desenhos com peças de lego. Fonte: Linguagens da Infância, capturado em: <https://www.instagram.com/p/B3D0wUXAd6P/?igshid=1exvgxx2o9ieh>

Nas imagens 27 a 29 se vê as crianças resignificando as peças de lego as utilizando de diversas maneiras, uma dela foi como pincel, carimbando-as no papel e colorindo a folha com as peças. As crianças deste grupo brincavam todos os dias com as peças, pois estava disponível a elas em uma pequena estante na sala, e com essa proposta elas se surpreenderam com as mil possibilidades de se utilizar um material.

Assim como na proposta anterior, a educadora ressignificou um brinquedo que era muito utilizado por eles em sala, e o utilizou como pincel, as crianças produziram muitos desenhos a partir da peça de lego assim como imaginaram diversas situações, uma fala que me chamou a atenção foi de que eram ovos de dinossarauro nascendo, me fez refletir a potencialidade do objeto e as diversas formas que o mesmo pode ser utilizado. Assim

como a proposta realizou-se de maneira aberta, pois as crianças deram o seu valor em cada uso que fizeram com os materiais.



Figura 30: Foto-ensaio da autora com fotos de desenhos com giz de cera e vela. Fonte: Crianser, capturado em: <https://www.instagram.com/p/BxuCTWvAhcM/?igshid=1jsnshqfne0e7>

Nesta proposta, as crianças em um dia chuvoso puderam ter a possibilidade de brincar com fogo, o que para muito parece ser impossível na educação infantil, a professora do grupo pôs a criação de desenho a partir do derretimento de giz de cera na vela, as crianças mesmas derretiam e se inspiravam na criação, além de aquecer o frio que fazia no dia elas também puderam observar a sensação de um objeto sólido se transformar em líquido tão rapidamente a partir do fogo.

Nesta proposta as professoras utilizaram o fogo com responsabilidade de maneira que nenhuma criança se queimasse. Os olhares das crianças para o elemento do fogo foram repletos de curiosidade e magia.



Figura 31: Foto-ensaio da autora com fotografias de desenhos no quintal em poças de chuva com penas de galinha da Angola. Fonte: Crianser, capturado em: <https://www.instagram.com/p/B1WYvtVAbKX/?igshid=9hwc0yf1ua8g>

Na figura 31, observa-se que as crianças que fizeram todo o trabalho criativo do espaço que posteriormente elas então criariam desenhos, aproveitaram a chuva e depois observaram as poças de água que ali se formavam, então uma criança estava com uma pena que tinha sido encontrada no quintal na mesma tarde, elas encontraram uma maneira de se expressarem, sem precisar ter um espaço montado pelos educadores, elas desenhavam e a figura desaparecia brevemente, e isso as intrigavam, especialmente na medida em que outras crianças foram chegando ao local. Então a professora disponibilizou um pote com água para as outras experimentarem este desenho que desaparecia a medida em que ia secando.

A partir deste momento houve várias conversas, inclusive curiosidades delas em relação ao motivo de secar tão rápido e o porque se formavam poças ali, as questões artísticas se encontraram nas interdisciplinariedade de forma natural o que proporciona a educadora o seguimento da proposta em um futuro projeto.

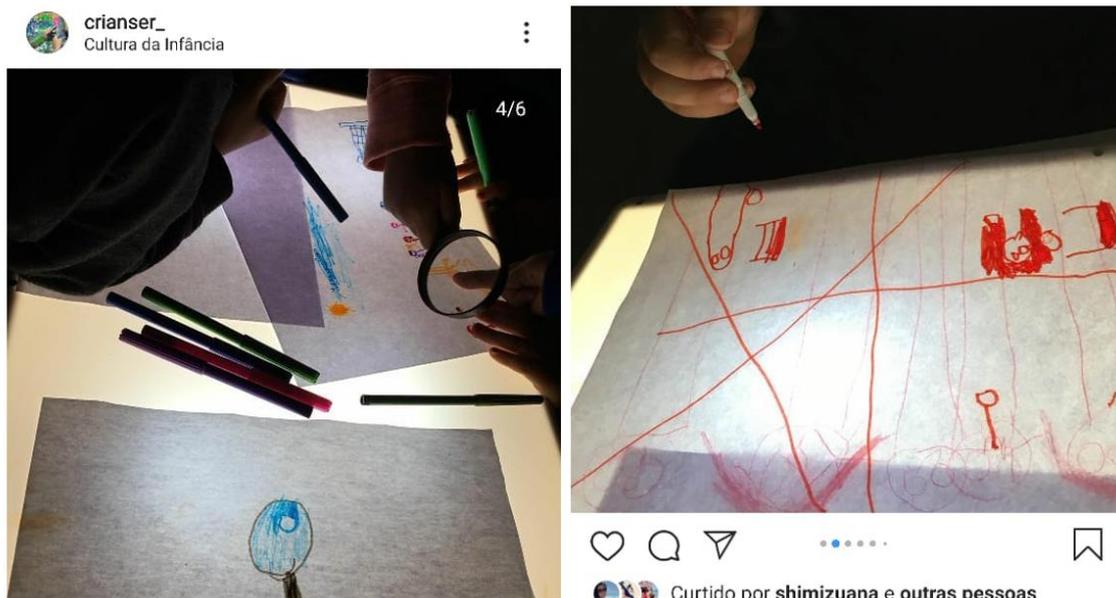


Figura 32: Foto-ensaio da autora com fotografias de desenhos na mesa de luz com lupa e canetinhas. Fonte: Crianser, capturado em: <https://www.instagram.com/p/B1WYvtVAbKX/?igshid=9hwc0yf1ua8g>

Nesta proposta da figura 32, as crianças experimentaram dois elementos diferentes: a luz e as sombras dos contornos por elas criadas. O espaço foi montado pela professora do grupo apenas com lápis de cor e folha sulfite sob a mesa de luz, as crianças então criaram com muita criatividade obras, tiravam o papel da mesa, mudavam de posição, colocaram os desenhos delas em cima de outros e fizeram muitas experimentações e pesquisas, quando parecia tudo estar prestes a acabar, uma criança encontrou no espaço uma lupa que fora utilizada em outra proposta, então a utilizou na mesa e experimentou olhar para o desenho de outra maneira.



Figura 33: Foto-ensaio da autora com fotografias de desenhos no papel paraná. Fonte: Crianser, capturado em: <https://www.instagram.com/p/B3DckX2g1P/?igshid=iwm67voeefxb>

A figura 33 conta que a professora disponibilizou sobra de papel paraná que havia utilizado em outra proposta, e as crianças criaram um desenho coletivo gigante, vendo tal interesse do grupo, ela então disponibilizou mais papéis e as criaoes foram fantásticas, os desenhos, muitos deles, eram maiores que as próprias crianças, elas quiseram pintar com argila, guache e a professora foi disponibilizando os materiais conforme o interesse do grupo. As obras foram expostas pela escola, e as crianças dos outros grupos contemplaram e questionavam a todo momento quem poderiam ser esses desenhos? De que pessoa se tratava?



Figura 34: Desenho no plástico em movimento. Fonte: Crianser. Capturado em: <https://www.instagram.com/p/B3DckX2g1P/?igshid=iwm67voeefxb>

Nesta proposta a professora elaborou o espaço externo, disponibilizando pincéis e tintas e colocando um plástico no varal. Estava ventando e as reações das crianças foram repletas de movimento e criação. Elas andavam em volta no plástico pintavam de ambos os lados, experimentavam e desfrutavam do movimento que era criado naturalmente pelo vento.

Esta proposta foi feita com mais de um grupo ao mesmo tempo, foi possível perceber o cuidado das crianças mais velhas com as menores, os encantos dos menores com as pinturas dos maiores, além de haver troca, houve muita curiosidade e cuidado ao pintar os plásticos. As diferenças de idade entre as crianças ficou bem aparente: os menores quiseram pintar mais o corpo e os maiores quiseram experimentar esse movimento que se mexia conforme o vento.

A proposta a seguir, para mim foi a mais significativa pois, além de poder observar, a professora me permitiu ajudar a pensar e tornar real a proposta. Minha ligação com a arte contemporânea é muito forte e poder criar em parceria com a professora me fez concretizar todos os meus referenciais teóricos estudados.

A proposta virou um projeto e cresceu com tal dimensão que me fez poder sentir como é de fato pensar em um currículo emergente, o que antes eu tinha bastante dúvida.

Este projeto nasceu de forma natural, em alguns dias eu deixei uma dobradura sobre a mesa da sala e as crianças me pediam para fazer mais dobraduras em outros momentos, e a cada dia de forma ingênua e natural fazia alguma dobradura para eles, especialmente com os restos de folhas utilizadas em propostas, duas meninas do grupo apelidaram as dobraduras de come-come, e uma disse que parecia um bicho.

As crianças sempre pediam também aviões de papel ao atelierista da sala, este fato também se tornou um projeto lindo chamado voar, e ligou-se a este, que foi realizado. Refletindo essas questões com a professora nós pensamos em algo para eles, especialmente pois a todo momento eles ligavam a arte em seus desejos, a turma chegou a ir no museu, e a escola toda acompanhou, o desejo dos pequenos se tornava realidade, nem imaginava que seria tão mágico e intenso como foi.

As crianças fizeram uma ação inspirada na obra da Lygia Clark que chama-se Caminhando. Elas puderam refletir sobre os seus caminhos e seus pais, em uma reunião da escola, puderam fazer a mesma obra e visualizar e refletir os seus caminhos e posteriormente observaram as obras de seus filhos, que foram expostas no hall da escola. Esta foi a primeira obra que eles puderam sentir e realizar. Como Lygia Clark diz em muitos de seus trabalhos, a arte só se realiza por meio da interação com a obra.



Figura 35: Caminhando inspirado nas obras de Lygia Clark. Foto-ensaio com fotografia digitais da autora.

Posteriormente as crianças tiveram contato com outras obras de Lygia, na obra a seguir as crianças puderam sentir sensações com diversos tipos de materiais, a obra escolhida, foi a que eles sentiram as sensações de tamanho das bolinhas, dos materiais que eram feitos.

Foi muito interessante ver a reação deles com a obra, se para eles, ir a um museu e não tocar nas obras era uma regra, na arte contemporânea entenderam que a obra só existe se tiver interação com as pessoas, e isto a torna mágica, eles tocaram nas obras e perceberam que poderiam reproduzir estas obras, entenderam o que seria uma arte conceitual e diversos elementos trazidos pelas características das obras da Lygia, assim como sua forma, movimento.

A seguir, reflito sobre três situações por meio das fotografias: uma criança que utilizou todo o espaço e ficou em torno de 30 minutos interagindo com a obra; uma criança que demonstrou estranhamento, não chegou perto e não quis tocar na obra, ficou por um tempo observando-a de longe; uma criança que não quis colocar a luva, tocou em todos os objetos mas não os tirou do lugar por medo da censura (de não poder tocar nas obras).



Figura 36: Estação inspirada nas obras de Lygia Clark. Foto-ensaio com fotografia digitais da autora.



Figura 37: A estranheza da criança em relação ao novo nas obras de Lygia Clark. Foto-ensaio com fotografia digitais da autora.

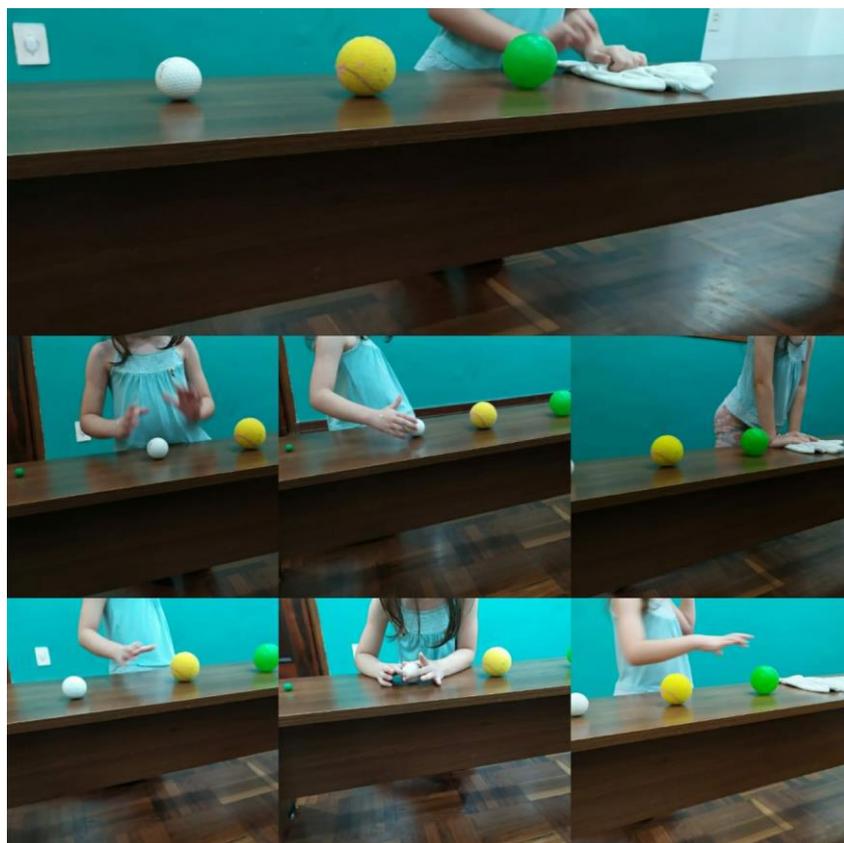


Figura 38: A interação da criança nas obras de Lygia Clark. Foto-ensaio com fotografia digitais da autora.

Relembrando as afirmações de Vecchi (2016), observei que em artes não é somente necessário que se ensine às crianças variados tipos de técnicas e se dê acesso físico a expressões como a pintura, os desenhos. É preciso que as professoras sejam mediadoras da apreciação descubram meios pelos quais as crianças possam inventar suas formas de liberdade expressiva, de liberdade cognitiva, de liberdade simbólica.

6. Considerações finais

No decorrer da pesquisa bibliográfica que se uniu à pesquisa de campo, foi possível perceber as características da abordagem Reggio Emilia, assim como a sua história, as questões de um surgimento em um cenário pós- guerra, da luta de classe e das mulheres em busca por direitos. A abordagem se mostra única e encantadora em relação ao respeito aos direitos das crianças.

É importante ressaltar que a escola em que ocorreu a pesquisa de campo é particular e não pública como é concebida na Itália, por este motivo os distanciamentos podem ocorrer e deve-se levar em conta o contexto da escola, o público tanto de crianças, familiares, e até mesmo os educadores.

Como pudemos ver em todo o referencial teórico, na Itália a escola surge em meio a um cenário devastado, e se fez presente na luta também contra o monopólio da igreja católica da época, assim como com todas as censuras e preconceitos que se tinha na época, a escola fundou-se e permanece até os dias atuais, inspirando educadores em todo o mundo.

Observei que as professoras levam a sério a tarefa de organizar o espaço permitindo que as crianças se sintam apoiadas e integradas, sendo o espaço um elemento da docência que proporciona também o acolhimento, a escuta, o encontro com as famílias e outras professoras. Não pude deixar de observar o quanto a formação dos professores precisa ser contínua e nunca se findar, lá havia professoras muito dedicadas, empenhadas em planejar e refletir, em estarem presentes e atentas às crianças, mas a diferença de formações muitas vezes era bem visível.

Durante o tempo em que estive na escola realizando as observações, percebi a diferença com outras escolas mais tradicionais em que trabalhei, no que diz respeito às ações pedagógicas oferecidas, às maneiras de tratamento dos adultos com as crianças, das crianças com as outras crianças, do currículo e da presença da arte que é o foco da minha pesquisa. Observei muitas propostas de arte e todas elas contemplando o processo e não

um produto final. As crianças estavam sempre desenhando, pois elas desejavam. Criavam esculturas com massa de modelar, gostavam de brincadeiras populares, os grupos menores eram muito musicais, sempre pediam para as professoras cantarem, ou até mesmo tocavam instrumentos musicais disponibilizados a seu alcance na sala de aula de referência.

Pude observar que as ações artístico-pedagógicas favoreciam a criação de espaços na Educação Infantil de maior liberdade para a experiência. As artes permitiam naquele contexto que a Educação Infantil fosse feita de forma mais respeitosa com o corpo brincante da criança, com suas necessidades de exploração do mundo, permitindo-a se comunicar com o meio externo todos os seus sentimentos internalizados. A arte surgia como uma expressão do universo infantil de forma que cada criança tinha a possibilidade de manifestar-se de forma distinta, então se valorizava sua expressão e sua criticidade, assim como eram respeitadas suas especificidades. Eu como educadora tive o privilegio de aprender em todas as propostas a ter um novo olhar, e tive a honra de compreender a arte partindo dos olhos da criança.

Eu acredito que a Educação Infantil deva respeitar os direitos, especificidades de cada criança assim como a sua bagagem cultural, a relação da escola com a família é necessária e nesta escola eu pude perceber que as famílias se preocupam com a escola e em muitos momentos elas estavam inseridas na escola, na entrada e saída das crianças podiam ir ao parque com elas, e essa questão é muito importante na educação, a família em parceria na educação dos seus filhos.

Na minha visão e a partir de minhas reflexões com o referencial teórico estudado, a educação praticada na escola visava também proporcionar crianças autônomas, ficavam mais livres e desta maneira proporcionava posturas mais críticas com o mundo. Pensando nas suas práticas educativas, na compreensão de currículo emergente que nunca está pronto e construído a partir das necessidades do grupo, pelos portfólios e documentação das crianças, pode-se concluir semelhança das práticas com as utilizadas em Reggio Emilia, respeitando as questões dos distanciamentos dos dois países assim como a cultura diferenciada. A escola preocupa-se com a criança de forma que a arte era uma ferramenta em todo o processo, diferente em outras escolas que estive, a arte nesta escola não era utilizada como produto e sim processo, o que gerava a criança uma aprendizagem respeitando o seu gosto e o seu tempo.

Para finalizar utilizo uma imagem de como um menino autista me via. Eu fiquei muito emocionada pela delicadeza dele de retratar as galinhas as quais ele cuidava com

todo carinho todos os dias no quintal da escola, então próxima ao galinheiro ganhei um retrato e este retrato me fez pensar na expressão das crianças com as situações que estão em sua volta, e como muitas vezes nós educadores com a correria dos dias não contemplamos esses tesouros diários, a educação no Brasil precisa evoluir e muito especialmente na primeira infância, esta escola com esta abordagem linda, me fez acreditar que sim, a educação pode ser transformada.



Figura 39. Eu pelos olhos do R*. Foto-ensaio com fotografia digitais da autora.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, A (Org). **Estudos da Infância no Brasil: encontros e memórias**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.
- EDWARDS, C. GANDINI, L. FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.
- EDWARDS, C. GANDINI, L. FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.
- FARIA, Ana Lucia Goulart de. **Impressões sobre as creches no norte da Itália: Bambini si Diventa**. In: CAMPOS, M.M.; ROSEMBERG, F. (Orgs). **Creches e pré-escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez: Fundação Carlos Chagas, 1994.
- FARIA, Ana. In: Santos, Maria Walburga, Tomazzetti, Cleonice Maria, Mello, Amaral, Suely. **Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**: São Paulo, Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido: saberes necessários à prática educativa**: São Paulo, Paz e Terra, 2019.
- GARDNER, Howard. **Prefácio: perspectivas complementares sobre Reggio Emilia**. In: Edwards, C.; Gandini, L.; Forman, G. **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 13-16.
- MALAGUZZI, Loris. In: Edwards, C.; Gandini, L.; Forman, G. **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezato (Orgs.). **Pedagogias(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- RABITTI, G. **À procura da dimensão perdida: uma escola da infância de Reggio Emilia**: Artmed, 1999.
- RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- SANTOS, Maria Walburga, TOMAZZETTI, Cleonice Maria, MELLO, Amaral, Suely. **Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

VECCHI, Veia. **Arte e criatividade em Reggio Emilia:** explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. 1,ed, São Paulo, Phorte, 2017.

VECCHI, Veia. **Estética como Metaestrutura.** In: Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. 1,ed, São Paulo, Phorte, 2017.

VECCHI, Veia. **O Papel do Atelierista.** In: Edwards, C. Gandini, I. Forman, G. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

- 1- A escola está sendo convidada para participar da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) denominado “A Arte como expressão da criança na abordagem de Reggio Emilia de Educação da Infância”
- 2-A escola foi selecionada por ser uma escola brasileira que tem como uma de suas abordagens pedagógicas inspirada na Pedagogia italiana Reggio Emilia. A participação da instituição não é obrigatória.
- 3-Os objetivos deste estudo são: identificar, observar, registrar e compreender a experiência da arte na educação da primeira infância,na escola, à luz da abordagem pedagógica de Reggio Emilia.
- 4-A participação da instituição nesta pesquisa consistirá em observar a presença da arte nas práticas docentes e nos registros de documentação pedagógica durante o período de nove meses, nas salas de aula e na rotina da escola.
- 5-A instituição tem direito a esclarecimentos, antes, durante e após as visitas.
- 6-A qualquer momento a escola pode desistir de participar desta pesquisa.
- 7-As informações obtidas como o nome da escola podem ser divulgadas na monografia.
- 8-As informações obtidas através dos documentos, referente aos estudantes, será obtido sigilo dos nomes.

Nome e assinatura da pesquisadora: Paula Soares da Costa

Assinatura da responsável pela escola

Nome da responsável pela escola

Sorocaba, _____ de _____ de 2019.
